

Mito e Ciência: Turismo e a Origem das Águas Termais da Serra de Caldas

Ycarim Melgaço Barbosa¹

Mayra Caiado Paranhos²

Resumo

O presente artigo procura uma explicação para a origem das águas termais da Serra de Caldas, em Goiás, que compreende as cidades turísticas de Caldas Novas e de Rio Quente. De um lado, o conhecimento científico, através da geologia, descreve a interferência de rochas localizadas em grandes profundidades que aquecem as águas, negando o vulcanismo. De outro lado, existe uma explicação defendendo a existência de um extinto vulcão que provoca o aquecimento daquelas águas, sendo esse o mito de origem. Há, ainda, a construção de um outro mito, também refutado pela ciência: o mito de cura das águas quentes. Denominadas águas “milagrosas”, elas atraíram pessoas de diversos lugares do país para a cura de doenças. Por fim, o artigo ressalta a explicação científica baseada na geologia, mas, ao mesmo tempo, procura, em autores como Bachelard e Eliade, um aprofundamento teórico sobre o mito, pois integra a história e a cultura daquele lugar.

Palavras-chave: Caldas Novas, Águas Termais e Mitos.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUCGOIÁS. ycarim@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás - UEG. Mayra.cparanhos@gmail.com

Introdução

No Planalto Central do Brasil, sob o predomínio do cerrado, avista-se uma elevação do relevo formando uma extensa serra. A descoberta desse local, cheio de imaginação, iniciou-se com a chegada de um homem conhecido por Bartolomeu Bueno, em 1722, filho de Anhanguera, por ordem do Governador de São Paulo, para o reconhecimento de Goiás. A região avistada por esses ilustres desbravadores encontra-se cercada por serras, uma delas batizada de Serra de Caldas.

No topo da serra surge um planalto habitado por alguns poucos animais, principalmente pássaros. A paisagem é composta por uma vegetação que tenta sobreviver aos invasores e aos incêndios ocorridos nos prolongados períodos de seca que torturam a região. Ao pé da serra brotam águas termais, de um dos lados, e insurgências chegam a formar um ribeirão de águas quentes, as Caldas Velhas, onde se encontra atualmente um grande complexo turístico, o *Rio Quente Resort*. Outras insurgências, descobertas posteriormente, encontram-se em Caldas Novas, no lado oposto à cidade de Rio Quente, tendo a serra como divisa, e nas Caldas de Pirapetinga, onde se forma uma lagoa quente.

Existe uma considerável literatura tentando definir a origem das águas termais da Serra de Caldas, algumas, aliás, da área médica. No fundo, acabam integrando o imaginário mítico que ronda aquela região com seus mistérios, tendo o vulcanismo como explicação.

Estudos geológicos mais recentes, ao trazerem uma explicação científica para a origem das águas quentes, tentam desmitificar o vulcanismo, ao assegurarem que as águas termais de Caldas Novas e o ribeirão de águas quentes, na cidade de Rio Quente, têm origem na formação de um lençol de grandes profundidades, onde as águas provenientes das chuvas percolam rochas que mantêm o grau geotérmico. Esse lençol possui vários locais de recarga e as águas das chuvas, ao penetrarem o solo, percorrem fissuras nas rochas e vão gradativamente se aquecendo, não se constituindo, dessa forma, suas origens no vulcanismo, mesmo porque não apresentam compostos de origem sulfurosa, como o enxofre.

Esse é o conhecimento científico, o racional. Mas o imaginário mítico de origem vulcânica ainda integra a literatura e a mente de muitas pessoas e deve, evidentemente, ser analisado dentro de certos parâmetros, mesmo porque o devaneio acompanha o ser humano e faz parte de sua cultura, de sua própria sobrevivência. Tendo em vista as águas termais da Serra de Caldas, o imaginário mítico de origem das águas quentes faz parte da história da região e deve ser preservada e vista por outros ângulos.

Segundo Bachelard (2006; p.13), “Há horas na vida de um poeta em que o devaneio assimila o próprio real. O mundo real é absorvido pelo mundo imaginário”. Shelley nos fornece um verdadeiro teorema da fenomenologia quando diz que a imaginação é capaz de nos fazer “criar aquilo que vemos”. As narrações sobre o vulcanismo da Serra de Caldas alinham-se aos devaneios de seus poetas, aqueles que narram a existência do lugar, perpassando por uma pseudociência especulativa, intuitiva desaguando nos mitos de origem que formarão a identidade daquelas termas.

Portanto, dentre os vários mitos que compõem a rica história da Serra de Caldas um deles especula sobre a origem das águas termais. Pode-se buscar no vulcanismo a primeira versão, que acabou fazendo parte do senso comum. Nesse contexto, o relevo da região, ao formar uma paisagem com uma imponente serra, contribui para o imaginário dos primeiros habitantes da região na crença de que a Serra de Caldas foi outrora um extinto vulcão. Aliás, o que seria, na realidade, um extinto vulcão senão uma simples montanha com um cume com terras férteis ao redor?

O surgimento de narrativas tendo em vista a origem das águas quentes de Caldas Novas baseadas no vulcanismo tiveram início, talvez, com as primeiras pessoas que passaram pela região, como os bandeirantes. Elas não tinham, na época, conhecimentos científicos para explicarem as origens das águas quentes. Portanto, esse mito criado em torno dessa justificativa se prolongou por muito tempo, chegando aos dias atuais.

Certos escritores produziram crônicas reafirmando o vulcanismo na Serra de Caldas. Alguns dos textos escritos estão bastante próximos da linguagem metafórica que explica mitos. No texto *Crônica de um vulcão*, escrito por Tufi Caibud (1982:09/10), o autor afirma:

Não se exclui a possibilidade de que os movimentos orogênicos contemporâneos àquele vulcanismo de cretáceo inferior ter edificado o

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

“domo” de Caldas sem que as forças magmáticas tenham conseguido o rompimento da crosta, formando o que se conhece como “feto” vulcânico. Tendo, porém, as águas termais absoluta origem em manifestações eruptivas é de se concluir idêntica procedência para as vazões de Caldas, de um lado a outro da Serra. [...] A região de Caldas, então admissivelmente situada no seio da fossa tectônica do Paranaíba, pode ter sido o palco de intensos abalos sísmicos, com levantamento de um majestoso edifício vulcânico explodindo em bombas, cinzas e matérias ácidas. Cessada sua atividade, desvestidas as fraudas dos sedimentos vulcânicos pela ação erodente dos tempos, restou apenas o escapamento de gases e água fervente, enquanto se desmantelava o altíssimo cone e a velha cratera era ocupada pelo arenito soprado pelos ventos ardentes do mesozóico.

Nesse relato há um aspecto a ser considerado: o lado poético da narração, muito próximo de um mito. Ao tentar dar uma característica científica para explicar a origem das águas termais emprega trechos como: “forças magmáticas”, “fossa tectônica do Paranaíba”.

Eliade afirma que os mitos de origem contam como o Mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido. O autor cita o exemplo das grandes famílias tibetanas que começam por recordar como o Cosmo nasceu de um Ovo.

Da essência dos cinco elementos primordiais, nasceu um grande ovo... Dezoito ovos saíram da gema desse ovo. O ovo do meio, dentre os dezoito ovos, um ovo concoide, separou-se dos demais. Esse ovo concoide desenvolveu membros, e depois os cinco sentidos, tudo perfeito, convertendo-se num jovem de tão extraordinária beleza, que parecia a concretização de todos os desejos [...]. A genealogia prossegue contando a origem e a história dos diversos clãs e dinastias (Eliade, 1998:26).

Essa explicação de Eliade do mito da origem de uma dinastia tibetana proveniente de um ovo demonstra como o mito é utilizado para descrever o nascimento, a origem de uma sociedade ou de um fenômeno natural, como muito bem narra novamente o autor (*Idem*, 26): “*O tempo em que a terra foi violentamente modificada, o tempo em que os céus separadamente se modificaram, o tempo em que o sol nascia para dar à luz à lua.*”

Ainda na descrição da origem das águas termais do vulcanismo, outros autores, como Catelan, asseguram que um vulcão extinto foi o responsável pelo surgimento das caldas. O autor chega a precisar o tempo geológico:

A história das águas de Caldas Novas remonta a 600 milhões de anos, quando um vulcão, hoje extinto, lançou na atmosfera lavas incandescentes, cinzas e gases. Ao cessarem as emanações restaram apenas escapamento de gases e água em efervescência. Após mais alguns milhões de anos a pressão interna provocou rachaduras no sopé da Serra de Caldas, surgindo os “geysers” (jatos de água aquecida, e as fontes termais) (Catelan, 1991:57/58).

Catelan, na sua obra “O Paraíso das águas quentes”, persiste na origem vulcânica das águas quentes e cita outro autor, Camargo (1991:65):

Presume-se que na era do vulcanismo, houve uma convulsão telúrica no Planalto Central de Goiás, e no seu epicentro brotou uma grande montanha, de forma circular. Em seu topo abriu-se a chaminé de um vulcão, que passou a expelir lavas, cinzas e gases. Durante milhares de anos esteve ele em atividade, até que cessaram completamente suas emanações e a montanha inerte adormeceu por muito tempo. Outros milhões de anos se passaram e a erosão, provocada pelas chuvas torrenciais e pela ação do próprio vento, foi corroendo suas bordas. Os desmoronamentos sucessivos, a decomposição das rochas e a dissolução das lavas e cinzas, carregadas pelas enxurradas, foram entupindo a cratera do vulcão extinto.

O calor e a enorme pressão dos gases internos acumulados abriram trincas na rocha da base da montanha e por elas começou escapar vapor d'água de mistura com gases, que eram expelidos a grande altura. Formaram-se, assim, inúmeras fontes de “geysers” em três pontos diferentes da base da montanha, distanciados vários quilômetros uns dos outros. Com o arrefecimento das atividades do vulcão e diminuição da pressão dos gases internos, os jatos dos “geysers” também foram diminuindo de altura e por fim passaram apenas a borbulhar água quente e gases em dissolução pelos furos e trincas na rocha. Num desses pontos [...] a quantidade de água expelida era tão grande, que logo abaixo formava um ribeirão e, uns duzentos metros adiante, se transformava num rio de águas quentes.

Talvez o que exista de mais autêntico na história das caldas consista nos mitos e lendas sobre a origem daquelas águas inseridas no imaginário dos primeiros desbravadores. Constata-se, aliás, a riqueza de detalhes no mito da origem das águas quentes de Caldas Novas e de Rio Quente, fazendo-se referência, aliás, ao papel de *geysers* na insurgência daquelas águas.

De repente uma imagem se instala no centro do nosso ser imaginante. Ela nos retém, nos fixa. O cogito é conquistado por um objeto do mundo, um objeto que, por si só, representa o mundo. Seu ser é a um tempo o ser da imagem e o ser da adesão à imagem que provoca admiração. A imagem nos fornece uma ilustração da nossa admiração (Bachelard, 2006; p.147). É preciso ter algo mais que imagens reais diante dos olhos. É preciso seguir essas imagens que nascem em nós mesmos, que vivem em nossos sonhos, carregadas de uma matéria onírica rica e densa que é um alimento inesgotável para a imaginação das pessoas em qualquer circunstância.

Os elementos água, fogo e terra apresentam uma correlação estreita. Porém essas combinações imaginárias reúnem apenas dois elementos, nunca três. Mas jamais, em nenhuma imagem natural, se vê realizar a tripla união material da água, da terra e do

fogo. Citando Bachelard (1998; p.99), “A imaginação material une a água à terra e o fogo; vê por vezes no vapor e nas brumas a união do ar e da água. As verdadeiras imagens, as imagens do devaneio, são unitárias ou binárias. [...] No reino da imaginação material, toda união é casamento e não há casamento a três”.

A ciência pode originar-se de um conhecimento empírico, não sistematizado, do próprio senso comum e mesmo se confundir com ele. Para Bachelard (1998; p.101), mesmo em químicos experientes, quando a química, no século XVIII, tende a individualizar bem as substâncias [...] Assim Geoffroy, para explicar que as águas termais cheiram a enxofre e a betume, lembra, que são “a matéria e o produto do fogo”. A água termal é, pois, imaginada antes de tudo como a composição direta da água e do fogo. Ainda tendo como parâmetro a sexualidade, Bachelard (1998; p.102) assegura que a água e o fogo proporcionam talvez a única contradição realmente substancial. Se logicamente um evoca o outro, sexualmente um deseja o outro. Como sonhar com maiores genitores que a água e o fogo! [...] As lendas populares confirmam esse aglomerado de mitos eruditos. Não é raro que a água e o fogo se associem nessas lendas. [...] Não quisemos mostrar aqui senão o caráter matrimonial da química comum do fogo e da água. Diante da virilidade do fogo, a feminilidade da água é irremediável.

As fábulas e lendas estão literalmente ligadas à linguagem mítica e compõem a identidade que vai sendo construída ao longo do tempo por seus habitantes e incorporada por aqueles que os visitam. A humanidade sempre utilizou os mitos e lendas na sua existência, desde os homens primitivos, que procuravam uma forma pura e ingênua de explicar fenômenos naturais, indo de encontro à própria existência do ser humano no planeta.

Cada vez mais pessoas que fazem parte de nossa cultura ocidental podem constatar, todos os dias, que se encontram hoje em ressonância com o tema do retorno do mito e dos ressurgimentos das problemáticas e das visões do mundo que gravitam em torno do símbolo. Em uma palavra, em torno desta “galáxia do imaginário” em cuja atração desprende-se o pensamento contemporâneo mais profundo. Posto que nós entramos, desde algum tempo, no que podemos chamar de uma alta pressão imaginária (Durant, 2003, p.17).

A palavra grega “Mythus” (Burkert, s/d: 17) significava “fala, narração, concepção”. No tempo do iluminismo grego, contudo, transformou-se no termo próprio para designar a distância as velhas narrativas, que não eram verdadeiramente para serem tomadas a sério. Apesar disso, o mito revela-se numa cultura superior, adulta e madura. O mito coincide, em grande parte, com a lenda e, contudo, é duvidoso se é possível extrair dele um “núcleo histórico”. O mito tornou-se, no latim, a “fábula”, as histórias narradas por algumas pessoas, que atravessam o tempo e as fronteiras. Numa perspectiva etimológica (Brisson, 2004: 15), o mito aparece como uma mensagem de uma geração a outra, pela qual a coletividade transmite o que ela guarda na memória.

O mito é simultaneamente uma metáfora ao nível da narração. A seriedade e dignidade do mito procedem desta “aplicação”: um complexo de narrativas tradicionais proporciona o meio primário de concatenar experiência e projeto da realidade e de o exprimir em palavras, de o comunicar e dominar, de ligar o presente ao passado e simultaneamente de canalizar as expectativas do futuro. Mito é “saber por histórias” (Schapp *apud* Burkert, *idem*, p.18).

O entendimento sobre o mito leva a imaginar algo que não seja verdadeiro. A expressão “mitos” (Doty, 2000; 32) tem sido empregada numa variedade de situações e com uma diversidade de significados, especialmente em contextos jornalísticos, mais ainda na ciência e nas humanidades. Algumas dessas situações incluem: ideologia, o símbolo coletivo, o modo de ver de uma sociedade, também estórias de deuses, heróis épicos, criações narrativas, alegorias da natureza e muito mais. Um outro uso para “mitos” refere-se a algo “arcaico” ou “irracional”. Segundo Eliade (1998:18): Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam.

Tendo em vista o que seja um mito, afirma Commelin (1995:13): “A definição do mito é problemática. Desde o século V antes de nossa era o *muthos* tem sido uma palavra neutra que se liga a todo tipo de discurso”. No entanto, nascido através do poder das palavras que o mito foi rejeitado da versão falsa, do engano e do engodo. Até então, essa era a forma de defini-lo. O mito está profundamente ligado a seu modo de

transmissão, porque ele é o produto de um fantasma ou de uma imaginação coletiva. Mesmo se foi inventado, se inscreve sempre no rastro de uma tradição.

A mitologia é, evidentemente, uma série de mentiras (Commelin, 1995: 13). Essas mentiras, porém, foram objetos de crença durante longos séculos. No espírito dos gregos e dos latinos tiveram o valor de dogmas e realidades. Assim, elas inspiraram os homens, sustentaram instituições às vezes respeitáveis, sugeriram aos artistas, aos poetas, aos literatos a ideia de criações e mesmo de admiráveis obras-primas (Commelin, *idem*: p.13).

Os mitos de cura das águas termais

Aquelas fontes termais foram denominadas de “milagrosas”, quando vários doentes dos mais longínquos rincões para lá se dirigiam em busca da cura. Este tipo de mito, das águas quentes, talvez esteja relacionado ao do mito de origem das fontes termais. No mito de cura das águas quentes, deve-se ressaltar a relação entre mito e rito.

O rito realiza o mito e permite a sua vivência. É essa a razão por que se encontram frequentemente ligados: na verdade, a união é indissolúvel e, de fato, a separação sempre foi a causa da sua decadência. Separado do rito, o mito perde, se não a sua razão de ser, o melhor da sua força de exaltação: a capacidade de ser vivido (Caillois, 1972, p. 24). Nas águas quentes tem-se o rito de passagem do estado de enfermidade ao estado de cura através de imersões nas águas termais. A mãe natureza aquece a água por meio das lavas (o mito do vulcão), dando-lhe o caráter de “milagrosa”, pois da terra emergem as águas com o poder de cura. A partir desse momento, pessoas doentes, dos mais distantes locais, dirigem-se para a Serra de Caldas para a imersão nas águas quentes. Após os banhos, normalmente em banheiras, encerra-se o ritual da cura.

A história da hidroterapia como propriedades curativas teve início com Heródoto (484-410 a.C.), quando descreveu algumas fontes, e, agindo como um médico, recomendou terapias de *spas* nesses locais por um determinado período. Hipócrates (460-375 a.C.), considerado o fundador da ciência médica e o pai da hidroterapia, prestou muita atenção em diferentes águas naturais que existiam em lagos formados por

chuvas e aquelas formadas entre as rochas, denominadas de águas minerais. Durante a Roma Antiga e os tempos bizantinos, vários médicos estudaram a hidroterapia e as termas espalhadas em diversos lugares do planeta.

Vale a pena citar Bachelard (1998; p.140) ao interrogar sobre a pureza e a purificação da água. Para ele, não se pode depositar o *ideal de pureza* em qualquer lugar, em qualquer matéria. Por mais poderosos que sejam os ritos de purificação, é normal que eles se dirijam a uma matéria capaz de simbolizá-los. A água clara é uma tentação constante para o simbolismo fácil da pureza. Prossegue o autor (*Idem*, p.147) afirmando que não devemos igualmente precipitar-nos em dar aos numerosos temas da purificação pela água uma base racional. Purificar-se não é pura e simplesmente limpar-se. E nada autoriza a falar de uma necessidade de limpeza como de uma necessidade primitiva, que o homem reconheceria em sua sabedoria nativa.

Devemos observar aqui o sentido de purificação, de limpeza da alma, dos maus agouros, naturalmente da cura. Nesse sentido, Bachelard (*Ibid*, p.147) afirma que o próprio Tylor nos dá a prova de uma purificação pela água que não tem qualquer relação com uma preocupação de limpeza: “Os cafres, que se lavam para se purificar de uma sujeira convencional, nunca se lavam na vida comum.” [...] O cafre só lava o corpo quando a alma está suja. Bachelard, ainda referindo-se a Tylor, diz que o fiel persa leva tão longe o princípio (da purificação) que, para eliminar por abluções toda espécie de sujeiras, chega a lavar os olhos quando eles foram enodoados pela visão de um infiel; traz sempre consigo um pote cheio de água, munido de longo gargalo, para poder fazer abluções; entretanto, o país se despova por não observar as leis mais simples da higiene [...].

Tendo em vista as águas termais da Serra de Caldas, alguns historiadores relataram aspectos curativos daquelas águas. Castelnau chegou a afirmar (1982:31): “O Sr. Dr. Faivre publicou em 1844, no Rio de Janeiro, uma análise muito interessante destas águas, tão célebres no país, como capazes de curar a lepra.” Essa é a ideia de purificação ou de cura das milagrosas águas quentes. Com a notícia de cura das águas de Caldas Novas várias pessoas doentes dirigiram-se para aquela cidade em busca de tratamento. Existiam algumas casas de banho, muito precárias para que os doentes ficassem imersos e, assim, poderem receber o tratamento.

Ao complexo da Fonte de Juventa, assevera Bachelard (1998; p.153), liga-se naturalmente a esperança de cura. A cura pela água, em seu princípio imaginário, pode ser considerada do duplo ponto de vista da imaginação material e da imaginação dinâmica. [...] O homem projeta o seu desejo de curar e sonha com a substância compassiva. É surpreendente a grande quantidade de trabalhos médicos que o século XVIII dedicou às águas minerais e às águas térmicas. [...] Veríamos facilmente que esses trabalhos pré-científicos pertencem mais à psicologia que à química. Inserem uma psicologia do doente e do médico na substância das águas.

As águas termais da Serra de Caldas despertaram o interesse de alguns médicos na época. Orozimbo Correia atesta o exemplo ao publicar um livro sobre o assunto em 1918. Segundo o relato de Olegário Pinto (1982:39), o Dr. Orozimbo Correia Neto, clínico em Poços de Caldas, tendo notícia das grandes curas operadas com as águas de Caldas Novas, entendeu de fazer à localidade, à sua custa, uma visita em que se demorou por mais de 90 dias. Pôde observar grande número de casos e escreveu o belo livro que tem sido muito apreciado, especialmente pela classe médica.

Em outro relato da cura das águas termais, Olegário Pinto (1982:39) aponta a quantidade pessoas que se curaram:

Com o uso das águas termais sararam perfeitamente, desde 1835 até o fim de 1838, além de um sífilítico e um leproso, nove morféticos, que obtiveram considerável melhora; 17 enfermos desta última moléstia, que o uso das águas foi infrutífero a sete, e que, finalmente, faleceram quatro [...]. Em julho de 1839 existiam em Caldas Novas, em tratamento, 60 pessoas; em Caldas Velhas, nove, e em Caldas de Pirapetinga, sete, perfazendo um total de 76 pessoas.

Tendo em vista o mito da cura das águas termais de Caldas Novas, chegou-se à afirmação de que as águas eram radioativas e, em razão disso, teriam efeitos curativos. Córrea Neto relatou (1982:72):

É notável a eficácia da águas termais de Goiás na cura das mais variadas moléstias – o que foi observado por todos os que as estudaram do ponto de vista de suas virtudes terapêuticas [...]. Águas termais, de mineralização fraca, contêm as águas de Caldas Novas uma quantidade considerável de azoto e outros gases – são radioativas em grau elevado. Podem ser usadas internamente. Pelo calor, seu forte poder dissolvente e sua hipotonicidade – talvez por conter fermentos – ajudam a eliminar as toxinas e estimulam secreção biliar e intestinação e ainda a circulação geral. São úteis, pois, nas constipações e intoxicações; e estimulam as funções do fígado.

No processo de aproveitamento de cura das águas quentes de Caldas Novas havia indicações e contra-indicações, segundo Côrrea Neto (1982:81):

No tratamento que fazem em Caldas Novas, muitos doentes tomam banhos e bebem da água sem orientação médica. Esta prática é bem pouco recomendável. Acidentes graves podem sobrevir devido a alguns fatos, como por exemplo os seguintes: 1º) as curas termais obrigam o coração a um grande esforço; 2º) as curas termais despertam, irritam e põem em atividade um foco silencioso de infecção; 3º) as curas termais são perigosas para os casos de elevada tensão arterial e pletora abdominal; 4º) as curas termais são contra-indicações nas lesões do sistema nervoso central e nos jovens diabéticos, bem como durante o período menstrual e climatérico das mulheres; contra-indicadas também quando houver coleção purulenta em qualquer parte do corpo e em casos de câncer; 5º) os banhos termais não devem ser administrados dentro das duas horas seguintes às refeições; nenhuma refeição dever ser tomada dentro de uma hora após os banhos, para dar tempo de completar-se a reação, igualar a distribuição circulatória e não perturbar os processos digestivos. Também não são indicados aos indivíduos sujeitos a dietas rigorosas.

Todas essas afirmações estariam dentro de uma recomendação médica, integrando o “mito de cura das águas quentes” de Caldas Novas. Na verdade, deve-se considerar aquelas águas de efeito apenas terapêutico, sendo quentes provocam um relaxamento muscular, dessa forma, apresentam características calmantes. Côrrea Neto, nos seus relatos, chegou a assegurar que os banhos termais deveriam ser de preferência pela manhã. Segundo o autor (1982:82):

As águas também devem se ingeridas de manhã – com o estômago vazio – de modo que se dê uma perfeita absorção sem perturbar os atos da digestão. A ingestão de água medicinal com o estômago vazio atua como uma ducha gastrointestinal: na parte superior varrem-se os germes e dificulta-se a sua multiplicação, melhorando as condições da membrana mucosa catarral; no intestino inferior aumentam-se as secreções, estimula-se a diurese e facilita-se a remoção das toxinas absorvidas.

Considerações finais

A humanidade vai sempre se deparar com os vários tipos de conhecimento. O mito vem desde os povos antigos, como uma forma de buscar uma explicação sobre as coisas que formam o mundo em que vivemos. Seu estudo sofreu importantes transformações ao longo do tempo, assim, há muitas teorias sobre o mito. No entanto a dificuldade em ajustá-las sempre ocorreu, uma vez que o próprio sentido é muito abrangente, amplo. Envolve desde aspectos físicos do mundo, da sociedade, das diversidades culturais, da literatura, da psicologia, atingindo a complexidade religiosa.

Para alguns estudiosos do mito, entre eles, Tylor, o mito é um segmento da religião. Para outros, como Campbell, o mito opõe-se à religião. Já para Freud e Jung, o mito relaciona-se com o sonho. E, assim, vai se construindo uma teoria sobre o significado do mito para a humanidade e para as diversas culturas do planeta.

No âmbito das águas termais envolvendo a Serra de Caldas, em Goiás, onde se encontram dois municípios do turismo termal, Caldas Novas e Rio Quente, vale a pena ressaltar a importância do mito de origem e de cura para a preservação da memória daquele lugar. Os mitos ilustram uma forma, para alguns até “ingênua”, de saber e de conhecimento e, para outros, se constitui mesmo em algo “verdadeiro”, em algum momento é o único caminho para se explicar algum fenômeno de ordem natural que acaba sendo também cultural. A ciência surge para assegurar uma “verdade”, mas está sujeita a várias interpretações, e não é imutável.

Os autores que descrevem a história das águas termais da Serra de Caldas imaginam estar defendendo um argumento científico, mas no fundo acabam ressaltando o mito quando ressaltam a existência de um vulcanismo ou de *geysers*. Os dois mitos, o de origem e o de cura, num momento se interconectam, um origina o outro. Pois o vulcanismo é o provedor das “águas milagrosas” e a fundamentação “científica” de cura defendida pelos historiadores nada mais é do que o próprio mito ali instalado.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Carlos. **Caldas Novas além das águas quentes**. Goiânia: Kelps, 1996.

BACHELAR, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAIBUD, Tufi. **Crônica de um Vulcão** in: ORIENTE, Taylor (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1982.

CORRÊA NETO, Orozimbo. **As Águas Termais de Caldas Novas** in: ORIENTE, Taylor (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1982.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

BRISSON, Luc. **How philosophers saved myths. Allegorical interpretation and classical mythology**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

BURKERT, Wlater. **Mito e Mitologia**. Lisboa: Edições 70, s/d.

CAILLOIS, Roger. **O mito e o homem**. Edições 70: Lisboa, 1972.

CASTELNAU, Francis. **Viagem a Caldas Novas** in: ORIENTE, Taylor (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1982.

CASSIANO, Ricardo e FERREIRA, Laurindo. **A maravilhosa região das águas termais de Goiás**. Goiânia: Talento, 2001.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. Princípios. São Paulo: Ática, 1997.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem, mito e religião**. Porto: Res-Editora, s/d.

CATELAN, Álvaro. **O paraíso das águas quentes**. Goiânia: Kelps, 1991.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Ediouro, s/d.

DIEGUES, Antônio Carlos. **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000.

DOTY, William G. **Mythography. The study of myths and rituals**. 2 ed. Alabama: The University of Alabama Press, 2000.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

_____. **Mitos y sociedades. Introducción a la mitología**. Buenos Aires: Biblos, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

JABOUILLE, Victor. **Iniciação à ciência dos mitos**. 2 ed. Lisboa: Inquérito, 1994.

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1996.

ORIENTE, Taylor (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1982.

PEIXOTO FILHO, Sebastião. **Contribuição à gestão do aquífero termal de Caldas Novas/Rio Quente-GO.** Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

PINTO, Olegário. **Discursos e Projetos** in: ORIENTE, Taylor (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas.** Goiânia: Oriente, 1982.

SEGAL, Robert A. **Theorizing about myth.** Boston: University of Massachusetts, 1999.

TEIXEIRA NETO, Antônio *et ali.* **Complexo termal de Caldas Novas.** Goiânia: Cegraf/UFG, 1996.